

APRESENTAÇÃO

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho*

Este dossiê reúne textos apresentados, em sua maioria, durante o XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e no decorrer do I Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos Clássicos – *O Futuro do Passado*, que aconteceu em julho de 2013, em Brasília/Distrito Federal. O dossiê contém quatro artigos e um ensaio, lido em uma palestra, ao qual segue anexo um comentário de seu moderador. Três dos artigos são frutos do painel proposto e organizado, durante o XIX Congresso, pelo Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (NEAM/FALE/UFMG), do qual sou membro. No painel, intitulado “Recepção da cultura greco-romana no cinema, no teatro e na literatura”, foram apresentados textos de autoria de professores da área de língua e literatura gregas, que trabalham na Argentina, nos Estados Unidos e na Polônia: Claudia Fernández (Universidade de La Plata), Eric Dugdale (Gustavus Adolphus College) e Ewa Skwara (Adam-Mickiewicz University), respectivamente. Quanto ao ensaio, trata-se do texto do cineasta português João Canijo, em cuja obra se destaca a adaptação de tragédias gregas para o cinema. O ensaio é seguido do comentário de Christian Werner (Universidade de São Paulo), tradutor e professor de língua e literatura gregas. O quarto artigo, de minha autoria, apesar de ter sido resultado, em parte, de uma palestra que apresentei em outro momento (no VI Colóquio Filosofia e Ficção – *Phantasia e Phantasmas*), foi, pela proximidade com o tema do painel que coordenei nesse XIX Congresso, inserido neste dossiê.

Como se pode perceber pelos títulos dos textos de Skwara, “*Quo vadis* on film (1912, 1925, 1951, 1985, 2001)”, de Dugdale, “Greek Tragedy for the New Millenium: public testimony and restorative justice in Yael Farber’s *Molona*”, de Fernández, “La *Electra* de Sófocles en la escena porteña: avatares

* Departamento de Filosofia
Universidade Federal de
Minas Gerais

de uma adaptaci3n posmoderna”, de Canijo, “A individualidade na representa3o dos cl3ssicos”, e pelo t3tulo do artigo de minha autoria, “A vida privada de Helena de Tr3ia nos loucos anos 20”, eles se caracterizam por tratar de obras particulares que podem ser vistas como recep3o, direta ou indireta, de textos cl3ssicos (seja por meio de adapta3o, de transposi3o ou de apropria3o). Em nenhum dos artigos temos a discuss3o sobre m3todos ou sistemas te3ricos relativos a essa crescente 3rea de pesquisa, chamada Estudos de Recep3o. Por3m, em todos eles, exceto no ensaio de Canijo, temos refer3ncias a textos te3ricos que serviram de sustentaa3o para o trabalho de estabelecer rela3oes entre obras diversas, em suportes tamb3m diversos. Por outro lado, se Canijo n3o faz esse tipo de refer3ncia, isso n3o significa que n3o reflita sobre problemas de recep3o e que, a partir de seu trabalho como diretor de cinema, n3o esteja envolvido diretamente com eles.

Quando Jo3o Canijo foi convidado como palestrante, no esp3rito da proposta do XIX Congresso de dialogar com outros autores que n3o estivessem academicamente ligados aos estudos da Antiguidade, foi proposto a ele o tema “Da luz de Apolo 3 dos refletores – a presen3a do drama grego antigo no cinema”. Mesmo com esse tema, e a reconhecida fama do diretor pelas suas transposi3oes da trag3dia grega para o 3mbito da sociedade portuguesa atual, enfatizada com perspic3cia pelo comentador da palestra, Christian Werner, o convite n3o deixou de surpreend3-lo, pois, como cineasta, interrogava se suas reflex3oes, como diretor, teriam interesse para classicistas. Sua palestra (que tratou, interessante notar, mais de teatro que de cinema) foi acompanhada por cenas de tr3s de seus filmes. Por meio da leitura de seu ensaio, aqui publicado (que sofreu poucas altera3oes em rela3o ao que foi parcialmente lido no dia), notam-se formato e abordagem diferentes dos outros artigos deste dossi3. Se a utiliza3o de express3oes como “a intemporalidade e universalidade do texto cl3ssico” pode parecer contr3ria 3 t3nica dominante do vocabul3rio dos estudos de recep3o (veja, por exemplo, SCHEIN, 2008), as subsequentes afirma3oes de que, por exemplo, “[u]m texto cl3ssico, como qualquer texto, n3o existe por si s3, precisa da representa3o do leitor para existir”, e de *Hamlet* ser uma adapta3o das *Electras* de S3focles e de Eur3pides, v3m, justamente, ao encontro da concep3o de que “because the past is actively produced

as much as passively received, Greek and Roman reception theory must take in account the ever-changing nature of its objects” (PORTER, 2008, p. 474). Creio que a surpresa do cineasta – justificada, por sinal –, ao receber o convite dos organizadores do evento, deriva de um estado de coisas, ainda forte, mas felizmente em processo de enfraquecimento, relativo aos textos considerados “clássicos” (novamente remeto ao artigo de Seth Schein, sobre a complexa história desse termo) e à sua transposição ou adaptação para o cinema, um meio de arte “popular”, inserido no mundo das imagens – luzes e sombras. Não é, aqui, o momento de tratar de toda a tradição, em parte herança do platonismo, de crítica à produção de imagens e da inferioridade delas frente aos conceitos, mas registro que essa herança iconoclasta não deve ser esquecida.

No dossiê, temos dois artigos, os de Skwara e o meu, sobre a recepção no cinema de obras modernas. O dela, sobre o romance de Sienkiewicz, *Quo Vadis*; o meu, sobre o romance de Erskine, *The Private Life of Helen of Troy*, e sobre a peça de Sherwood, *The Road to Rome*. As três obras, tratam de personagens, históricos e fictícios da cultura greco-romana. Contra possíveis alegações de banalização simplificadora dos temas clássicos pela sétima arte, há vários argumentos, dentre os quais o político-pedagógico – e ele não é de pouca importância! –, como o da “maior divulgação de obras por meio de mídias mais acessíveis” (HARDWICK and STRAY, 2008, p. 3). A suposta banalização está associada a um equívoco habitual, o de pensar que “reception sheds light on the receiving society, but not the ancient text or context” (*idem*, p. 4), negando que a relação iluminadora seja recíproca. Os dois artigos têm elementos importantes exemplificando esses temas e conduzindo-nos a uma reflexão sobre obras e personagens antigos, a partir de textos modernos. Como observa Skwara, “if we find ancient history on film problematic, then it is up to us to offer a corrective to this pseudo-historical representation of antiquity and point out ways in which cinema distorts, compresses, contests, and revises the historical record”.

Por fim, chamo a atenção para os dois textos sobre a recepção de tragédias gregas no teatro contemporâneo, enfatizando problemas estéticos e políticos no Hemisfério Sul, ao mesmo tempo em que realçam a “continuidade” de uma conexão com um passado assaz longínquo: a obra analisada por

Fernández, por exemplo, foi apresentada em um evento de comemoração dos 2.500 anos do nascimento de Péricles. O artigo *Electra shock. Tragedia show y alto voltaje* discute, prioritariamente, os elementos estéticos da adaptação pós-moderna de Sófocles, feita por Moscari, acentuando a colagem de gêneros e estilos, que, no entanto, permite que se mantenha uma homologia com o gênero trágico. Embora, como disse antes, não se trate de um texto teórico, o artigo da professora argentina avança em alguns momentos nessa direção. Dugdale, por sua vez, apresenta-nos *Molora*, adaptação recente da *Orestéia*, no contexto de episódios políticos na África do Sul ligados aos trabalhos da Comissão de Verdade e Reconciliação, fazendo uma análise muito instigante das peças a partir de teorias de Brecht e Boal, em parte porque contesta certos pressupostos aparentemente divergentes nas poéticas desses autores, bem como realça a permanência do mito grego justamente por sua possibilidade de ser alterado. Certamente uma reflexão profícua poderá surgir a partir de afirmações como a de Fernández, de que “La tragedia griega solo puede explicarse como una respuesta a las demandas de las realidades sociales y políticas de su tiempo y a las imposiciones tanto del festival como de la ideología democrática”, e de Dugdale, de que, no contexto da revolução cultural nos anos 60 e 70, “Greek tragedy and classics in general became widely associated with the establishment and were rejected as vehicles of elitism and cultural imperialism. This perception has become firmly entrenched, and it is still alive today.”

No capítulo *Reception Studies: Future Prospects*, do livro *The Companion to Classical Reception*, James Porter, ao tratar da teoria da recepção, elenca um variado conjunto de tópicos que demandam a atenção dos estudiosos. Vale a pena listá-los aqui: “theories about subjectivity, cultural placement, knowledge as a form of attachment, problems of colonizing the past, the recuperation and the irrecuperability of antiquity, fragments and fragmentary wholes, anachronism and anti-quarianism, classicism and anticlassicism, history and historicism, modern vs. postmodern reception, classical tradition vs. critical reception studies, disciplinary histories as cognitive mappings, and the effects of the ongoing remapping of the disciplines today on a new interdisciplinary reception studies.” (PORTER, 2008, p. 474). Os artigos deste dossiê, além

de serem exemplos significativos da variedade de modos de recepção da cultura greco-latina, pois tratam de obras produzidas na Argentina, na Polônia, na África do Sul, nos Estados Unidos e em Portugal, são, também, estudos que examinam, direta ou indiretamente, vários dos tópicos listados acima, podendo, assim, contribuir para uma maior compreensão da área e para a apreciação dos textos e dos temas da Antiguidade, bem como de nosso diálogo com eles.

BIBLIOGRAFIA

HARDWICK, L. and STRAY, C.Y. Introduction: Making Connections. In HARDWICK, L. and STRAY, C.Y. (Ed.). *A Companion to Classical Receptions*. Malden: Blackwell Publishing, 2008, pp. 1-10.

PORTER, J. *Reception Studies: Future Prospects*. In HARDWICK, L. and STRAY, C.Y. (Ed.). *Idem*, pp. 469-481.

SCHEIN, S. 'Our debt to Greece and Rome': Canon, Class and Ideology. In HARDWICK, L. and STRAY, C.Y. (Ed.). *Idem*, pp. 75-85.